

O VIÚVO

Iara Lopes Maiolini¹

O despertador tocou às 6 horas. “Virgínia...” – foi seu primeiro pensamento. Sentiu o cheiro dela, o cheiro do cabelo ruivo. Desejou-a com toda sua alma e virilidade de homem com mais de 30 anos. No criado mudo um porta-retrato com uma foto dos dois da última viagem que haviam feito ao Chile. Por várias vezes tentou guardá-lo ou desfazer-se, mas não conseguia, embora seu terapeuta tenha dito que é importante ‘deixar os mortos irem a fim de que descansem em paz’. Tadeu pensava que tal empreitada era impossível, uma vez que os mortos – e no caso dele uma morta – nunca se vão, eles ficam em nós para sempre porque somos partes de um todo. E essa nossa completude só é com as tantas outras incompletudes de tantos outros. Portanto, Tadeu era completo com a incompletude de Virgínia, assim como ela era completa na incompletude do Tadeu.

Apesar de uma vertigem lhe tomar a alma, levantou-se. As memórias, ainda frescas, reviviam e martelavam, como todo início de manhã. Tomou alguns comprimidos. “Talvez me ajudem em alguma coisa” – disse descrente Tadeu. Ao terminar de dizer isso achou estranho, pois disse como quem dissesse para alguém. Falava para ninguém ou para “ele-ninguém”.

Na cozinha, café puro e um cigarro. Apanhou o casaco, a mochila e a chave do automóvel.

Quando estava quase por atravessar a porta de acesso à garagem, virou-se como quem busca alguém para se despedir. Parou, cerrou os olhos, pensou em não ir à universidade e deitar – se, mas não o fez. “Tenho que viver, mas por quem?” – pensou. Ligou o carro.

Quando parou no semáforo vermelho um menino cujas pupilas estavam dilatadas surge: “tio, tem uma moeda?”. A voz do menino zoa como um despertador para Tadeu cujos pensamentos estavam longínquos. Ele acena com a cabeça que não.

¹ Mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT/MeEL. Professora substituta da Universidade do Estado de Mato Grosso, campus Sinop – MT. E-mail: iaracl84@hotmail.com

À sua direita, estava o café do primeiro encontro, o *Café de Flore* onde tomavam o café de fim de tarde, ele e Virgínia. Havia 3 meses que sua esposa tinha sofrido um acidente de carro ao voltar da universidade numa sexta-feira chuvosa. “Professora universitária morre num acidente de carro” – dizia a manchete do jornal. Na manhã do acidente os dois se amaram, um na incompletude do outro. E nessa noite o viúvo sonhou que estava viúvo.

Ali no trânsito com o carro parado, chorou copiosamente, sentiu um nó na garganta. Acendeu um cigarro. Vertigem. Reminiscências... Ficou ali, atônito. Buzinas surgiram. O sinal de trânsito abre de novo: verde, amarelo, vermelho... Buzinas. Respiração ofegante. Tadeu arranca o carro.

Estaciona o automóvel em um lugar qualquer, coloca sua mochila e segue o trajeto a pé.